



## **NOVOS OLHARES SOBRE AS ATIVIDADES FORMATIVAS DAS PROFESSORAS NORMALISTAS**

RÚBIA MARA DE SOUSA LAPA CUNHA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

### **NOVOS OLHARES SOBRE AS ATIVIDADES FORMATIVAS DAS PROFESSORAS NORMALISTAS: RITOS DE PASSAGENS .**

#### **Novos Olhares sobre as Atividades Formativas das Professoras Normalistas: ritos de passagens Eixo 18 - Memória e formação**

#### **RESUMO**

Este trabalho integra Estudos desenvolvidos no âmbito da Escola Normal Rural com foco nas Escolas Isoladas/multisseriadas enquanto laboratório de aprendizagens das Normalistas do Instituto Senhor do Bonfim, na cidade de Jacobina – Bahia e traz como viés as narrativas de Professoras Negras em formato de abordagem Autobiográfica a partir das Histórias de Vida de suas Itinerâncias na Microrregião da Chapada Diamantina, Piemonte Norte, essencialmente focalizando Escolas multisseriadas-isoladas. Assim, amparado na História Oral temática a partir das narrativas de si que marcam e ressignificam os percursos formativos das Professoras Normalistas do sertão baiano, (10) dez ex- alunas do Instituto Senhor do Bonfim -Educandário de formação rural na microrregião de Jacobina-Bahia. Pretendo, aqui, mostrar as trilhas dessas “moças de família” no intuito de estabelecer os percursos formativos das normalistas desde o Colégio das Sacramentinas, Nossa Senhora de Fátima, Augusto Galvão até o Instituto Senhor do Bonfim, no que se refere à constituição da identidade profissional e a profissionalidade que foram vivenciadas em suas narrativas vivenciadas nas ‘Escolas Isoladas’ do semiárido baiano, porque foram as primeiras instituições onde funcionavam os Cursos Normal na microrregião, eram centros difusores de educação formal e ideal religiosos. Nesse viés, ao compreender os sentidos atribuídos à docência nos locais onde se constituíram professoras, faz-se necessário entender como as trajetórias de “moças de famílias” foram produzidas no entrelaçamento entre o pessoal e o profissional, sobretudo nas questões referentes ao pertencimento à profissão docente e sua constituição identitária, marcada pelo respaldo moral. Traz em seu bojo as Histórias de vida de professores normalistas enquanto protagonistas de grande influência no ambiente das escolas isoladas, grupos escolares e nas escolas anexas. Tendo em vista aprofundar conhecimentos e saberes, o estudo dialogou com as produções de diversos autores, dentre eles: Antônio Nóvoa (2000, 2009), Gaston Pineau (2002, 2006), Elizeu Clementino (2000, 2001, 2003, 2006), Anamaria Freitas (2000), Tereza Cristina Fagundes (2005), Denice Catani (1999, 2002), Cynthia Sousa (2000, 2002, 2003), Maria Conceição Passegi (2003), Jane Rios (2012), Jaci Menezes (2005), Paula Vicentini (2010). Tais moças de família, representavam uma categoria muito especial as quais se tornaram conhecidas por onde passavam seja pelos trajes ou uniformes e ou pela cadência de seu “andar ou nas andanças nas zonas rurais”. Aqui, a memória será utilizada como forma de ressignificar as ações do presente com vistas ao passado, na busca de compreender as histórias de vida e a

constituição da identidade docente. Tornar-se professora normalista tinha caráter distintivo na sociedade da época e, só nos anos dourados do ciclo da mineração, é que essas moças de família se tornaram autoridades, principalmente nos povoados e distritos em que tinham as suas “cadeiras” para lecionar e iam desbravando os caminhos, trilhas e incutindo saberes. Enfim, toda a construção identitária dessas mestras foi “moldada” e incutida nos princípios fundantes da moralidade e da ordem para bem servir e se tornar uma “esposa admirável” como garantias de um bom viver e consolidação da família.

Palavras-Chave: Identidade, normalistas, escolas isoladas e percursos.

This work includes studies developed under the Rural Normal School with a focus on Isolated Schools / multigrade while laboratory aprendizagens of normalistas Senhor do Bonfim Institute in the city of Jacobina - Bahia and has as biased narratives of Teachers Ebony approach of Autobiographical format from its Touring Life Stories in the micro-region of Chapada Diamantina, Northern Piedmont, essentially focusing on multigrade-isolated schools. So, supported by the Oral History theme from the stories themselves that mark and resignify the training paths of the hinterland normalistas Teachers Bahia, ten (10) former students of the Senhor do Bonfim Institute -Educandário rural training in micro-Jacobina, Bahia. I intend here to show the tracks of these "family women" in order to establish the training paths of normalistas from the College of the Blessed Sacrament, Our Lady of Fatima, Augusto Galvão Institute to the Lord of Bonfim, in respect of the formation of identity professional and professionalism that have been experienced in their living narratives in &39;Isolated Schools&39; semiarid region of Bahia, because they were the first institutions where the Normal Course in the micro worked, were formal education diffusers centers and religious ideal. In this bias, to understand the meanings attributed to teaching in places where they formed teachers, it is necessary to understand how the trajectories of "families of girls" were produced in the intertwining of the personal and the professional, especially in matters relating to membership in the profession teachers and their identity construction, marked by moral support. Brings with it the normalistas teachers of life stories as protagonists of great influence on the environment of individual schools, school groups and attached schools. In order to deepen knowledge and learning, the study spoke with the productions of several authors, among them: Antonio Nóvoa (2000, 2009), Gaston Pineau (2002.2006), Elizeu Clementino (2000,2001,2003, 2006), Anamaria Freitas (2000), Tereza Cristina Fagundes (2005), Denice Catani (1999.2002), Cynthia Sousa (2000,2002,2003), Maria Conceição Passegi (2003), Jane Rivers (2012) Jaci Menezes (2005), Paula Vicentini (2010). Tais family of girls, represented a special category which became known they passed either by the costumes or uniforms and or the cadence of his "walk in or travels in rural areas". Here, the memory is used as how to reframe the present actions with a view to the past, in seeking to understand the life stories and the constitution of the teaching identity. Become normalista teacher had distinctive character in the society of the time and only the gold of the mining cycle, is that these girls have become family authorities, especially in the villages and districts where they had their "chairs" to teach and would braving the roads, trails and instilling saberes. Enfim, all identity construction of these teachers was "shaped" and incultida the founding principles of morality and order to serve well and become a "wonderful wife" as collateral for a good living and consolidation of the family.

Keywords: Identity, normalistas, isolated schools and courses.

## **PRIMEIROS CAMINHOS E SUAS IMPLICAÇÕES**

O presente texto traz em seu bojo a temática da Formação e Identidade de Professores Normalistas, remetendo-me aos aspectos conceituais e teóricos que envolveram a construção de modelos formativos nos processos de Escolarização dos professores a partir do recorte temporal de 1945-1960. Além de analisar os percursos formativos das normalistas do Instituto Senhor do Bonfim[1] e as do Colégio Santíssimo Sagrado das Sacramentinas, Nossa Senhora de Fátima que funcionavam nas cidades de Jacobina, Senhor do Bonfim e Campo Formoso no período de 1945-1960, através de suas histórias de vida e, principalmente no que se refere à constituição da identidade profissional e a Profissionalidade.

Tomam-se as narrativas de formação vivenciadas nas “Escolas Isoladas[2]” do sertão[3] baiano na cidade de Jacobina e microrregião com a intenção de apreender os significados e simbologias de tais trajetórias de vida nas Escolas Normais. Estas instituições foram os primeiros espaços onde funcionavam o Curso Normal na microrregião de Jacobina, caracterizadas como centros difusores de educação formal e ideal religioso. Aqui, faço referências ao Instituto de Educação – uma das primeiras escolas de Curso Normal na Bahia, localizada na cidade de Senhor do Bonfim, na região

do médio São Francisco baiano. Era um centro difusor de educação formal da região e de ideais religiosos, levando-se em consideração a força da Igreja Católica, por conta da inexistência de escolas de formação em magistério em outras cidades sob a influência das Irmãs Sacramentinas inicialmente e, depois das Irmãs do Divino Espírito Santo. No ano de 1938, o instituto fora transferido para a cidade de Jacobina[4], após a encampação ou intervenção do Estado da Bahia. Levou-se em consideração a força da Igreja Católica, por conta da inexistência de escolas formais em outras cidades para a implantação desse espaço que causou diferencial na educação das “moças de família” da região – título dado às moças distintas na sociedade da época pelo saber constituído e construído nas salas do instituto.

Este espaço de formação, de caráter religioso, vinculado às Irmãs Sacramentinas foi implantado na cidade de Jacobina com o nome de Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro em 1954, após a morte de seu fundador recebeu como homenagem póstuma seu nome e produziu o modelo de professor, cujas representações e juízo de valor simbólico eram de mestras “senhoras” de conhecimentos, consideradas hábeis educadoras que cultivavam o espírito através do catolicismo, consideradas “abnegadas” e moças de referências na sociedade local.

Propõe-se, neste estudo, utilizar a memória formativa das professoras normalistas como dispositivo para ressignificar as práticas formativas das docentes nas escolas rurais, no sertão baiano. Neste sentido, a memória da implantação da Escola Normal Rural – na segunda Província da Bahia, enquanto profissionais habilidosas e senhoras do conhecimento, até a chegada desta escola no sertão baiano, especificamente no município de Jacobina e microrregião. Assim, tenho a pretensão de investigar a memória das normalistas presentes no Instituto Senhor do Bonfim, privilegiando as histórias de vida, paralelo ao processo formativo e a identidade docente constituída, observando de que forma nas falas das docentes encontram-se os indicativos que favorecem o processo de rememoração de histórias pessoais e a referência às formas de Subsídio Literário vivenciadas pelas professoras de primeiras Letras quando convocadas para a Zona Rural. Ao passo que, a memória foi utilizada, como forma de ressignificar as ações do presente com vistas ao passado, na busca de compreender as histórias de vida e a constituição da identidade.

Parte-se do pressuposto de que o trabalho realizado pelos inspetores educacionais vai contribuir para a descrição das práticas didáticas das normalistas do sertão baiano nas e sobre as escolas isoladas, no início do século XX, por meio de registros nos documentos dos Instituto Senhor do Bonfim, Nossa Senhora de Fátima e da Congregação das Irmãs Sacramentinas nas cidades de Jacobina, Campo Formoso e Senhor do Bonfim respectivamente. Tais normalistas que estudaram nos Institutos: Senhor do Bonfim, Santíssimo sacramento e no Nossa Senhora de Fatima que, durante todas as trajetórias profissionais, desempenharam o trabalho de professoras de Primeiras Letras nas Escolas Isoladas da rede pública estadual no sertão baiano, sempre foram consideradas “missionárias do saber” de acordo com as fontes e com as evidências as quais causaram repercussões seja no ideário profissional como pela projeção social. É válido pontuar que, no território pesquisado, é o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que promoveu mudanças e medidas educacionais correlacionadas com o Tempo Escolar, Escolas Isoladas e a “funcionalidade” da inspeção no Ensino Primário de primeiras letras Noé espaços rurais. Constatei através da Literatura que a respeito da temática das andanças, percursos e trajetória das normalistas no sertão desde a cidade de Feira de Santana, Caetitê, Amargosa, Senhor do Bonfim e finalmente Jacobina que os caminhos percorridos pela categoria profissional marcou de forma significativa a educação com intervenções e atitudes que os tornaram conhecidas sejam como: “tricolores do sertão”, “meninas das Sacramentinas”, “filhas de Santa Bernadete”, “colegiais de Santa Eufrásia” e as “moças de família” que foram adentrando e representando mulheres distintas na sociedade local. Certamente, aqui as professoras “formadas” pelo Instituto em sua maioria acabavam destinando-se às escolas do município e microrregião, com a incumbência de desenvolver uma prática docente imbuída nos princípios “incutidos” na sua formação. Nesse sentido, podemos iniciar uma possível reflexão acerca da formação docente quando consideramos a história das instituições escolares, principalmente a vivência dessas normalistas em Escolas Isoladas.

Todavia, as histórias de vida das “moças de família” em formação aparecem em fins dos anos 1960, no contexto das transformações econômicas e sociais, mas emergem também dos questionamentos políticos e ideológicos que afetaram as sociedades ocidentais. Embora, a criação desses institutos viesse impor e provocar marcas significativas no processo histórico de educação do povo jacobinense e da microrregião, desde Senhor do Bonfim, Campo Formoso, Morro do Chapéu, Miguel Calmon, Piritiba e adjacências, no propósito de ampliar as possibilidades de educação e da preparação para o mercado de trabalho.

Observa-se assim, que, para as jovens docentes que iriam ser “preparadas” para atuarem nos espaços urbanos e rurais, havia pequenas “iniciativas” de privilégios no sentido de acomodar as “moças de família” abastadas e que eram protegidas por políticos e coronéis nos melhores locais de trabalho, mesmo na sede. Sendo assim, esse investimento na inserção dessas “missionárias do saber” melhorou a condição educacional destas comunidades mesmo enfrentando as adversidades da profissão e da vida no sertão. Ao compreender os sentidos que estas professoras atribuem à docência nos locais onde se constituíram professoras, faz-se necessário entender como as trajetórias dessas “moças de famílias”

foram sendo produzidas no entrelaçamento entre o pessoal e o profissional, sobretudo nas questões referentes ao pertencimento à profissão docente e sua constituição identitária, marcada pelo respaldo moral na sociedade da época. É preciso argumentar que, as Professoras normalistas tinham a obrigação e uma “nobre função” de garantir a instrução de futuras gerações, pois eram consideradas grandes depositárias de sonhos, progresso e esperança para a microrregião baiana. Bolívar (2006) considera que a metodologia biográfico-narrativa pode mostrar “a voz” dos protagonistas cotidianos - os professores -, seus relatos de vida e experiências, que tornaram públicos seus interesses, percepções, dúvidas, circunstâncias que influenciaram, significativamente, ser o que são e agir como agiam nas situações em geral.

No tocante à formação/ profissão docente representava um “canal” para a melhor perspectiva econômica de vida para as “moças de família” que faziam seus cursos na Escola Normal, com os ensinamentos que eram projetados na escola e na vida. Torna-se ponto interessante, o sentido de procurar entender o motivo da “preparação” dessas moças de família e das itinerâncias estarem correlacionadas à escola que não tinha lugar definido enquanto espaço-temporal. Por outro lado, a flexibilidade na mudança de Governador da Província interferia na convocação e ordem dos sujeitos que se relacionavam em busca de adentrarem o sertão na construção de uma identidade própria tanto pessoal quanto profissional. Ao passo que a sua condição de ensinar a ler, escrever e desenhar um mundo projetado num imaginário que não se esgotava com o tempo era meta de vida dessas que tinham objetivos definidos para “formar” o sujeito.

Quanto à alocação do espaço dependia exclusivamente nas “trocas de favores” entre os representantes políticos e “preocupação” dos pais em formar seus filhos para que as escolas fossem instaladas a qualquer custo independente da aprendizagem, mas do desejo de instalação desses “políticos” em agradar seus correligionários e a forma de “melhor” fazer uso do subsídio literário para sobreviver longe de suas famílias e poderem “trabalhar” em suas cadeiras na roça.. Aqui, analisou-se, por meio de dados colhidos em 06 diários de escrita, 10 registros de matrícula, 04 relatórios de Inspectores Escolares e uma das principais fontes: o currículo da instituição; sua estrutura física; o uso do material didático; o perfil do corpo docente; o sistema de avaliação do Curso de Admissão e a sua sistemática própria das docentes de Escolas Isoladas que se esmeravam para “preparar” seus alunos para tal pleito.

E por último no desempenho escolar presentes nos Registros como Boletins, Cadernetas Escolares e Livro de Atas do educandário, além de que muitos desses alunos dos espaços rurais que eram motivo de orgulho dessas docentes do sertão em suas narrativas em formato de depoimentos e a partir dos indícios encontrados sobre as primeiras Escolas Isoladas e os Deslocamentos de Ex-normalistas nos grupos escolares se impunham, no discurso oficial, como a instituição educacional que materializava os ideais republicanos e ou possibilidade o regime de Externato que passou a ser julgado e avaliado pelos inspetores que o vistoriavam nos espaços rurais em períodos que oscilavam de acordos com as disponibilidades e “desejos” alternados pois as estradas eram ruins e precárias mas a criação de escolas sinalizava a “modernização”. Acredito que a realização de estudos de natureza semelhante ao que discutimos neste artigo pode auxiliar na complexificação do lugar ocupado pelas escolas isoladas na educação brasileira, no início do século XX. Então, a pergunta que vai direcionar nossa investigação: Como eram as escolas isoladas? E qual o perfil dos docentes? Esse sistema de instrução pública em vigor durante o século XIX e também durante parte do século seguinte, composto por aulas avulsas, ministradas por mestres-escolas em suas próprias residências ou em salas alugadas, passou a ser considerado, em determinado momento, ineficaz e insatisfatório, na medida em que parecia não contribuir para promover ao povo instrução e noções de civilização tão caras para consolidar o ideal de construção de uma unidade nacional e para formar a população com o intuito de criar um conjunto de cidadãos que se mobilizasse ao máximo para desenvolver o progresso material, cultural e nacional do Brasil (VEIGA, 1999). No decorrer da discussão, vamos encontrar tais sinalizadores de que houve uma aprendizagem significativa nesses espaços a partir do compromisso do docente e pela sua atuação e o valor de uma identidade pessoal e profissional assumida por ambas as partes.

No decorrer, percebeu-se uma produção de estudos com evidências importantes no espaço das normalistas e pela consolidação da área como campo de negociação de saberes e da validade dos conhecimentos projetados pelas docentes. Tal preocupação com a educação e a formação de uma nova sociedade, que pode ser percebida em diferentes discursos de intelectuais e políticos a partir do século XVIII em todo o século XIX, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo ocidental, intensificou-se com a emergência da República no país, momento em que foi, de maneira mais contundente, conferida à educação escolar o status de instrumento para moldar e instruir os ignorantes (CARVALHO, 1989). Nesse contexto de descontentamento com o sistema público de ensino constituído pelas escolas isoladas, singulares ou cadeiras públicas, foram criados os grupos escolares, implantados na Capital da Bahia, gradativamente, a partir de 1836. O principal objetivo era construir uma nova concepção de escola, isto é, ordenar o ensino, as metodologias empregadas e os conteúdos trabalhados, capacitar e fiscalizar a ação do professorado, adaptar espaços e tempos ao ensino, refletir a respeito da relação com as crianças e suas famílias em um novo espaço que

sinalizava a modernização a partir dos prédios e grupos escolares

A memória vista como um movimento de reconstrução psíquica e seletiva de um passado vivido coletivamente (HALBWACHS, 1990), pode ser a opção de perceber a escola como um dos lugares representativos para a manutenção e socialização da história de uma comunidade. Cabe analisar a memória e a forma como se edificou uma das mais tradicionais escolas privadas inicialmente e depois foi encampada pelo estado no município de Jacobina. Portanto, um fator que se destaca diz respeito à arquitetura e o espaço físico desta instituição, que ainda hoje se identifica com a paisagem e história da cidade fazendo parte dessa história está sendo esquecida, que é a memória das normalistas. Tais personagens foram destaques em determinado período, reverenciadas nas lembranças de gerações mais antigas, pelo seu papel de “missionárias do saber”, representantes legais de um espaço dedicado à sabedoria e aos esforços em prol da educação e tinham, segundo o discurso social, a “nobre função” de educar e instruir futuras gerações, depositárias dos sonhos de progressos e esperanças do país.

Busquei nesta pesquisa indícios, indicativos e as nuances do processo de formação das normalistas com o intuito de perceber como eram constituídos os sujeitos e de que forma a sua identidade era construída cujas representações num espaço marcado pelas ideias da escola nova e a sua ação simbólica, pois ainda hoje se faz presente na história da comunidade jacobinense há cerca de sessenta anos. Como se pode perceber, ao tentar historicizar uma narrativa autobiográfica sem perder de vista as singularidades, a relação dialética entre a instituição e a comunidade são fatores que vão permitir-nos entender as singularidades dessas “moças de família” sem perder a totalidade dos fatos na grandeza de pequenos atos e/ou nas vozes silenciadas dessas mulheres que adentraram o sertão na incumbência de levar o conhecimento, transformando vidas de pessoas sofridas ou excluídas socialmente. Segundo Abrahão (2001, p.17), resgatar “histórias de vida não é recolher objetos ou condutas diferentes”. Neste sentido, as biografias têm o mérito de recuperar para a história da educação, vestígios, marcas e indicativos desses homens e mulheres e suas obras, tornadas quase invisíveis a partir dos testemunhos e narrativas orais com as entrevistas e roteiros de investigação com gravações.

Inicialmente tomam-se os laços de interdependência que unem, separam e/ou hierarquizam os indivíduos e grupos sociais. Dessa forma, o autor aborda que as formações sociais se estabelecem historicamente pela existência de redes de dependência e de interdependência humanas, individuais, e/ou grupais, e/ou societárias. Essas redes se desenvolvem a partir da interdependência de funções (trabalho, propriedade, instintos, afetos) que não são exteriores aos indivíduos e nem uma soma de vontades, mas uma dependência funcional (ELIAS, 1994, p. 45). Ao conhecer a organização administrativa e pedagógica da Escola Normal da Cidade de Senhor do Bonfim desde o Instituto Santíssimo Sacramento até o Instituto Senhor do Bonfim de Jacobina de 1945 a 1960, observando o corpo docente e discente, focalizando a atuação e a participação da Congregação das Irmãs Sacramentinas até a transferência para Jacobina, delimitando os programas de ensino, os embates pedagógicos presentes nos exames de prática profissional, de modo a apreender os conflitos e as tensões existentes que influenciam na performance identitária desses professores normalistas.

Visto que, no interior da discussão tentou-se tratar de questões vinculadas à chegada do Curso Normal, especialmente na cidade de Jacobina e microrregião do sertão da Bahia, analisando as noções de educação e formação implantadas no sistema público da época, principalmente nas Escolas Isoladas ou domésticas, implementadas pois a historiografia permitiu acompanhar as itinerâncias e na construção da identidade docente nesse contexto rural.

Ao passo que, uma das transformações sociais visíveis neste século foi a instituição da Escola Normal com as escolas régias ou cadeiras de primeiras letras e sua repercussão na funcionalidade das escolas domésticas ou isoladas no espaço rural tendo na figura do professor uma marca de autoridade e sua representação identitária pessoal e profissional sempre ligada ao desvelar de saberes e incutir conhecimentos. No entanto, no cenário da Escola Normal veio movimentar a Educação e também as discussões acerca da profissionalização, mesmo divergentes, provocaram um movimento que se articula em prol da valorização do magistério desde o surgimento da Escola Nova com Anísio Teixeira e que fora reforçado juntamente com os ideais de um espaço de “garantia” de formação específica até a Velha República. Assim, surge a questão da articulação da docência e a figura da mulher em espaços idênticos de sua atuação enquanto autora social de suas itinerâncias e em suas buscas para a profissionalização marcada pela moralidade que o trabalho dessas missionárias do saber vem repercutir de forma positiva nas comunidades rurais.

Nesta perspectiva, entendo como mister o estudo sobre o Curso Normal, tanto assim, no período dos anos 1945/1960, quando foram realizadas grandes reformas que se notabilizariam pela abrangência política e institucional na Província da Bahia. Desta maneira, a abertura das primeiras escolas normais e as dificuldades de manutenção vão ser os indicativos maiores de impedimentos uma vez que nas províncias ficavam sob a responsabilidade dos governadores que não tinham cargos permanentes e mudavam constantemente, gerando transtornos para a melhoria das escolas. Sendo assim, tencionei aprofundar conhecimentos sobre os caminhos do Curso Normal no Brasil e focalizar a sua abrangência

na Província da Bahia na cidade de Jacobina e microrregião. Outro ponto que, chama-me a atenção, diz respeito à Instalação de Escolas Normais em pontos estratégicos do interior baiano como Feira de Santana, Caetité, Amargosa, Senhor do Bonfim e Jacobina em cidades em que a Leste Brasileira[5] se fazia presente enquanto marca da modernidade, embora já funcionasse na cidade de Wagner[6] uma escola de formação normal da Igreja Evangélica Presbiteriana – centro difusor de conhecimentos destinado aos evangélicos daquela região.

Aranha (2006) ao expor que a reforma do Ato Adicional de 1834 atribuiu responsabilidade dos ensinos elementar, secundário e da formação de professores aos governos da província, cujos recursos financeiros eram escassos.

Para Gatti (1986, p. 85) “esse profissional é um ser em movimento, construindo suas perspectivas e suas formas de ação”. Segundo Brzezinski (2002, p. 8) a identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva. Ou seja, a identidade coletiva se constrói nas relações estabelecidas. Nasce do Eu e transforma-se em Nossa, porque é socialmente aceita. Ao passo que dotam o indivíduo de capacidade de atuar, com um saber fazer e saber estar num determinado momento histórico (CORONADO, 2009, p. 20). Necessário se faz compreender que, nos primeiros anos da República, foi preciso fazer concessões ao preparo do professor para preencher as vagas das escolas isoladas. Assim, nenhum professor normalista queria lecionar nas escolas isoladas da zona rural, de condições de vida e de ensino extremamente precário quando nos afirma Vidal (2005), contudo argumenta que para poder contar com um professor nessas escolas “inventou-se” o programa de carreira colocando o recém-formado longe de sua cidade por algum tempo: ele deveria começar a carreira pela escola isolada rural, do interior ou da capital, e só depois de cumprir um determinado tempo poderia ser removido para uma escola urbana que aconteceria caso houvesse uma cadeira “vaga”. Além desse aspecto, a pobreza do plano de estudos era assunto insistentemente salientado pelos Presidentes da Província. O Desembargador João José de Moura Magalhães, Presidente da Província, sugeriu que a Escola Nova oferecesse,

*Além das matérias, que n'ella actualmente se ensinão, reputo indispensáveis cadeira de Geometria Elementar [...] de noções geraes de sciencias physicas, e dos três ramos da História Naturak e finalmente da Geografia e História (1848, p. 12).*

Este período de 1937 caracteriza-se pela substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, principalmente por meio do incremento da imigração europeia; do desenvolvimento do mercado interno; da rápida expansão das estradas de ferro e do aparecimento das primeiras indústrias paralelo à expansão cafeeira e a industrialização que aparecem de forma sorrateira nesse contexto de urbanização. Na Bahia, a Escola Normal desenvolveu mais intensamente durante o período republicano pelas constantes lutas travadas pela população principalmente os escravos livres, estudantes, poetas e professores na busca de propagar saberes e também pela marca de ser itinerante pelas mudanças de espaços ou locais com as constantes mudanças sem a definição de um espaço autorizado ou próprio fez das escolas normais numa movimentação constante que influenciava em sua decadência.

Em realidade, a Escola Normal não estava oferecendo condições para que seus concluintes, mestres e mestras, exercessem satisfatoriamente seu ofício, uma vez que havia poucos professores responsáveis pela prática de ensino, havendo casos em que alguns alunos estavam terminando o curso normal sem a terem exercido, marca a existência de professores leigos na microrregião exercendo a docência em espaços organizados pelas pessoas abastadas para educarem seus filhos em um espaço onde havia garantia de “controle” de comportamento e de aprendizagens.

Ora tanto pelo posicionamento quanto a ordenação das “moças de família” ao se deixarem fotografar em uma imagem de “controle e preparação” no intuito de modelar o ser que se “formava” nesse espaço para ser projetado ao mundo que não sofria transformações sociais sob a ótica de uma escola e de um mundo maravilhoso. Percebe-se, inicialmente que, sendo as Freiras Sacramentinas oriundas da França o sistema educacional vai ser configurar no modelo francês desde a uniformização aos modelos de proceder frente aos ambientes familiares até as questões de hábitos alimentares, higienização e de convivência com a música e as artes em geral.

Nesse território ou campo de formação da normalista, há um espaço privilegiado para a construção de uma identidade docente atrelada à professora protagonista de inúmeras histórias que vivenciamos na infância de cada sujeito que referendada na visão de que a escola é uma instituição de ensino que guarda valores e ideias educacionais (BUFFA, 2002) e nela existem elementos que justifiquem o recorte temporal, esta apresentação delimita-se aos anos de 1930-1970, período em que o esses materiais foram apresentados pelas Normalistas, ao final do Curso Normal na Instituição.

É bom frisar que foi produzido aquele modelo de professor cujas representações e juízo de valor simbólico eram de “mestras senhoras” de conhecimentos, consideradas hábeis educadoras que cultivavam o espírito e provocaram marcas significativas para a educação do jacobinense que tiveram nesta condição uma ampliação do mercado de trabalho para

suas filhas as quais iriam ser “formadas” cujas representações e juízo de valor eram de “mestras senhoras” de conhecimentos, consideradas hábeis educadoras.

Cabe ressaltar que, a identidade da normalista no âmbito de uma instituição formativa modelar tem como foco inicialmente os paradigmas da escola nova e as relações de poder e o tensionamento expressos nas recomendações e prescrições escritas para as futuras professoras de uma época. Muitas foram às lutas para a encampação pelo Estado, uma vez que o Instituto abrigava jovens “moças de família” oriundas da microrregião e o sistema de internato aberto provisoriamente pela irmã do proprietário do educandário se expandia, porém outro regime já estava previsto, pois as alunas de externato estavam em sua maioria abrigadas por parentes e amigos e poucas residiam com seus familiares na cidade.

Nesse sentido, traço a partir das itinerâncias e os percursos de vida na escola e para a escola normal focalizando as possíveis formas de constituição identitária desse sujeito no âmbito singular das suas aprendizagens. Na maioria das vezes, as normalistas permaneciam por muito tempo em escolas isoladas, salvo em alguns casos, eram indicadas por políticos de grande influência no caso os Coronéis Galdino Veloso, Francisco Rocha Pires e Antonio Maia na época da exploração aurífera.

No depoimento da ex-normalista Carmen Campos, há indícios da valorização da postura do professor tanto em sala quanta fora do espaço: *“a professora de Psicologia chegava na classe toda de peito pra frente e com o cabelo bem penteado e os olhos de gráua...”*. Em uma época marcada por impedimentos numa falsa organização e que marcam olhares desencontrados em busca de novos horizontes, muito presente na história de outra normalista Lara Pires: “eu queria ter ido com meus irmãos estudar na capital pra estudar direito dar continuidade aos estudos e/ou fazer Psicologia... mas tive que casar”.

Assim, é possível entender como a imagem das normalistas na cidade, em seu percurso para o Colégio Deocleciano Barbosa de Castro, no ano 1960, vem suscitar um sentimento nostálgico sobre os seus próprios desejos e sonhos que se aproximavam dos sonhos e projetos que povoavam o imaginário de todo sujeito em formação e ao mesmo tempo nos faz refletir sobre a importância e significado da escola e, conseqüentemente, da educação na formação docente. Em contrapartida, a educação brasileira ficou restrita aos Conventos, em alguns casos a professor particular alocados em residências e/ou fixos em espaços das grandes casas dos proprietários de terras e de escravos que detinham poderes na metrópole, demarcando as imagens e molduras de uma educação pautada em valores “certos” para as moças de família na condução de garantir um casamento adequado aos modelos da época. Na visão de outra normalista da turma de 1954, Helena Cruz, percebe-se que as palavras e os termos usados no sentido de aprender se repetem como norma de linguagem, assim:

Eu fiquei muito tempo sendo Diretora da Emília e não tinha quem me substituísse nas férias eu fazia questão de permanecer... e o meu ensino na sala fazia o aluno “aprender tudo” e agora eles tem tudo e não sabem nada...

É emblemático o perfil de “chefia” assumida pela diretora que perpassa toda a identidade assumida diante do objetivo da escola normal que se direcionava as normas de conduta de um bom cidadão cumpridor de obrigações com o país. Na imagem e nas representações dessas moças tanto no palco da escola quanto no cenário da vida, via-se uma repetição de posturas dessas moças no que diz respeito ao processo formativo que sempre não era acrescido de mudanças rápidas e, sim gradativas no decorrer do processo pedagógico.

Meu Professor João Freitas Matos, quando passava por mim sempre me alertava... você é filha de Professora Felicidade... e eu lembrava a todo instante que era uma “burrinha” (Helena Magalhães).

Eu tinha dificuldade na matemática e minha irmã me ensinava era de minha sala... nós começamos juntas no ginásial e depois normal...(Lourdes Magalhães).

Eu gostava mesmo era de história só tirava dez... e sempre as melhores notas e me orgulhava disso mas em matemática sempre fui fraca.(Alzira Inocêncio).

Nesta fase da pesquisa ocorre a seguinte frase repetida por quase todas as normalistas “quem é bom já nasce feito”, assim questiona-se se já se nasce professor ou se forma nas relações de trocas sociais na escola. Contudo, ao discordar de um fato epistemológico apriorístico e que vem de uma dimensão incontestável na sociedade capitalista. Convém registrar que, essa representação do papel social da Normalista, como mulher, nesse processo de desvelamento do processo identitário, na tentativa de encontrar as experiências relativas à condição de ser mulher e ser

normalista, especificamente na microrregião de Jacobina, sertão da Bahia ou na possibilidade de ser mister do lar ou para o ambiente escolar no desenvolvimento de um “ato” de ensinar na condição de transmissor pelas vias da memorização com omissão de alguns casos de desejos de mulher na descoberta de sua sexualidade.

Existia, ainda, a determinação para que os conteúdos ministrados nas escolas de meninas deveriam, além dos regulares do primeiro grau, abarcar aulas de ortografia, prosódia, noções gerais de deveres morais, religiosos para que esses ensinamentos ou tornassem “uma boa mãe e excelente esposa” todas prontas para o matrimônio – fim principal das mulheres da época imposto pela sociedade. Outras providências foram tomadas e as medidas de reconhecimento e validade do curso normal oferecido pelo Instituto já tinha dimensão abrangente na microrregião e o educandário era centro difusor de saberes e formação de professores normalistas.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (Auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia. **História da Educação e da Pedagogia**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

**Atas 1º Seminários Docência, Memória e Gênero**, 1: GEDOMGE-FEUSP, São Paulo: FEUSP, Ed. Plêiade, 1997.

BOM MEIHY, José Carlos S. **(Re)introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, M. Cecília C. C. e SOUSA, Cynthia Pereira de (Org.). **Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras**. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, nº 2, pp 61/76, Mai./Ago. 1996.

\_\_\_\_\_. **Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.

\_\_\_\_\_. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.) – **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, pp. 119/130.

CATANI, Denice; BUENO, Belmira; SOUSA, Cynthia; SOUZA, M. **Docência, Memória e Gênero estudos sobre formação**. 4ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000

CAMARGO, Apásia; LIMA, Valentina da Rocha e HIPÓLITO, Lúcia. **O método de história de vida na America Latina**. In: **Cadernos do CERU**. N.º 19, São Paulo: 1984, pp. 148-180.

CHARTIER, Roger. **Textos, impressos, leituras**. In: CHARTIER, R. – **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, pp. 121/139.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa**. In: LANG, A – **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo, **Cadernos do CERU**, 1992. Relatório Final de Pesquisa volume 4.

\_\_\_\_\_. TENCA, Álvaro; TENCA, Sueli – **Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias de professores da 1ª República**. São Paulo: INEP/CERU, 1985. (Relatório de Pesquisa).

DOMINICÉ, Pierre. **A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos**. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 131 – 160.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2003.

GATTI, Bernadete Angelina. **Os Professores e suas Identidades: o Desvelamento da Heterogeneidade**. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, nº 98, p. 85-90. 1996.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

- \_\_\_\_\_. Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: Nóvoa, António; Finger Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1998. p. 37-50.
- \_\_\_\_\_. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; de ABRAHÃO, Maria Helena Menna B. MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Educação na Bahia: tecendo memórias. **Cadernos IAT**, Salvador, v.1, n.1, pp. 49/68, dez. 2007.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de (Org.) **Educação na Bahia** - Coletânea de textos. Projeto memória da educação na Bahia. Salvador: Ed. da UNEB, 2001.
- MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Educar para Vencer. Disponível em: <http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/programas/estadual/educacao/educar.asp>. > Acesso em: 07 set. 2009.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Lisboa: Porto. 2000, pp. 111-139.
- NASCIMENTO, Maria José de Carvalho. **O (des) prestígio da normalista e as relações de gênero no cotidiano do Instituto de Educação do Rio de Janeiro**. 1994. 272f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- NEVES, F. M. História da Educação no Brasil – considerações historiográficas sobre a sua constituição. In: NEVES, F.M; RODRIGUES, E; ROSSI, E. (Org). **Fundamentos Históricos da Educação no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2005, pp. 13/27.
- NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. História e Filosofia de Instituições Escolares: avaliação de uma linha de pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas**. Paraná: Universidade Tuiuti, 2008, pp. 13/31.
- NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: Nóvoa, António e FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa. 1988, p. 40 -61.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org). **Imagens de Professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: Ed UNIJUÍ, 2000, pp. 197/216.

Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha  
Mestre em Educação –USP  
Especialista em Linguística UEFS  
rubialapa@hotmail.com

## A NOVOS

---

[1] Primeira Escola Normal Rural da microrregião de Jacobina.

[2] Salas localizadas fora da sede do município (espaço rural e/ou sede) que funcionavam enquanto laboratório/cadeiras

[3] Região castigada pela estiagem em período de seca – interior da Bahia.

[4] Cidade localizada no Piemonte norte da Chapada Diamantina-região do ciclo do ouro 1945 a 1960 - a 330 km da Capital do Estado da Bahia – região da caatinga sertão baiano; e em 1969/70 foi instalada a Mineração UNIGEO – explorar o ouro das serras da Chapada Diamantina.

[5] Estação Ferroviária.

[6] Cidade localizada no centro oeste da Bahia – local onde funcionou uma escola de formação normal sob a responsabilidade da Igreja Presbiteriana.

RÚBIA MARA DE SOUSA LAPA CUNHA  
MESTRE EM EDUCAÇÃO - USP  
ESPECIALISTA EM LINGUÍSTICA -UEFS

Recebido em: 05/07/2015  
Aprovado em: 06/07/2015  
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort  
Metodo de Avaliação: Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi: